

PROPOSTA DE RESTAURO E REABILITAÇÃO DA
CASA E JARDINS DAUPIÁS

Autoria:

Fernando Jorge
Isabel Peres Gomes
João Pinto Soares
Maria João Morais
Paulo Ferrero

I. INTRODUÇÃO

A recuperação do chalé e dos jardins da antiga casa de Frederico Daupiás reveste-se de extrema importância para Lisboa, não só pelo que essa operação significará em termos de valorização do património edificado do início do séc.XX e de preservação da memória da cidade e dos seus ilustres, como, sobretudo, de projecção de uma cidade que se pretende moderna, sustentável e mobilizadora dos cidadãos, a todos os níveis.

A singularidade do percurso de Frederico Daupiás exige também que essa memória seja salvaguardada: Lisboa não dispõe de mais jardins privados de carácter experimental, como este o foi, razão pela qual o conjunto em apreço constitui um raro documento de época.

Assim, a ser tida em consideração pela CML a proposta em apreço, tal permitirá muitas outras valências para Lisboa, entre as quais as seguintes:

- **Aproveitamento e recuperação de um equipamento histórico para fins de interesse público**, designadamente para os moradores das freguesias de São Mamede, Mercês, Santa Catarina e Lapa;
- **Lançamento de projecto-piloto de hortas urbanas** (projectos que estão a ganhar cada vez mais importância noutras cidades do mundo, como Londres, em que o município aluga parcelas de terreno para os munícipes que desejem desenvolver projectos pessoais de jardinagem e/ou agricultura; Nova Iorque, em que existem hortas comunitárias em terrenos expectantes e nas coberturas em terraço de edifícios; em Paris, onde a *mairie* tem incentivado a apicultura em meio urbano como via de enriquecer a biodiversidade da capital; ou no Grande Porto, por via de parceria com vários municípios lançada pela Lipor!);
- **Melhor ligação pedonal entre a Rua de São Bento e a Rua da Escola Politécnica**, estabelecendo uma nova entrada e passagem pedonal para os jardins na Travessa do Noronha (actualmente um arruamento sem saída) de modo a melhorar as acessibilidades da zona e a mobilidade das pessoas;
- **Abertura ao público de uma ampla zona verde**, numa zona cada vez mais pobre no que toca a logradouros e jardins, e conseqüente valorização do corredor verde;
- **Acção sócio-pedagógica** junto dos mais novos;

- Existência de um espaço de lazer e de assistência social para os mais velhos;
- Reabilitação paisagística daquele troço do Aqueduto.

Um ponto prévio: esta é uma proposta que tem como subscritores apenas cidadãos; cidadãos empenhados numa Lisboa com melhor qualidade de vida, e apenas isso. Não nos move qualquer tipo de protagonismo, muito menos motivações políticas ou partidárias.

II. LOCALIZAÇÃO E PROPRIEDADE

A antiga casa e os jardins de Frederico Daupiás situam-se na Rua do Arco de São Mamede, n.º 6-8, Freguesia de São Mamede, anexos ao Arco de São Mamede e ao chafariz do Aqueduto das Águas Livres, da referida rua; e, a Sul, ao antigo Pátio do Gil (local de nascimento de Alexandre Herculano), recentemente demolido. Os terrenos adquiridos por Frederico Daupiás tiveram, aliás, ligações à família de Alexandre Herculano, dado que haviam pertencido à avó do historiador, Genoveva dos Anjos Alexandrina.

A casa e os jardins Daupiás são actualmente propriedade da sociedade imobiliária SEOANE & VIDAL, S.A. (com sede na Avenida Fontes Pereira de Melo, N.º 3 - 5 Esq.º, telefone: 213552320, fax: 213552328), igualmente proprietária do edifício vizinho (N.º 4), que foi construído, aliás, em parcela dos antigos jardins da Casa Daupiás, e que foi objecto de obras coercivas pela CML no âmbito da empreitada de reabilitação da Rua de São Bento.

III. DESCRIÇÃO E ESTADO DE CONSERVAÇÃO

a) Chalé

A antiga casa Daupiás, a “Villa Mon Repos”, está protegida por se encontrar compreendida na Zona Especial de Protecção do Aqueduto das Águas Livres, sendo referenciada no site da ex-Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais: «apresenta planta sensivelmente quadrada, de volumetria escalonada, sendo a cobertura efectuada por telhados a 2 e 3 águas. Duplamente simétrica na composição volumétrica e de alçados, a fachada principal distingue-se pela sobreposição, a eixo no corpo central, de uma porta de verga curva (ostentando pequeno telheiro quadrado) e de janela de sacada

guarnecida de varandim de varas de ferro forjado. Enquanto este corpo central, desenvolvido em 2 andares se remata em empena em bico, os laterais, de um só piso, apresentam-se animados pelo rasgamento de 2 janelas de peito rectangulares e rematados por beirado simples *1. O telhado da casa é revestido a telha «Marselha» (ver Anexos).

Enquadramento: urbano, destacado, isolado por jardim murado e gradeado, em anexo ao arco de São Mamede. Utilização inicial: residencial. Cronologia: séc. XX, início - construção do edifício. Tipologia: arquitectura civil residencial, ecléctica: chalé. Materiais: alvenaria mista, reboco pintado, cantaria de calcário, estuque, ferro forjado, madeira. A casa foi projectada por arquitecto desconhecido. Anexo ao edifício principal está uma pequena casa, provavelmente do caseiro.» (1)

Em 2003 foi feito um auto de vistoria pela CML / Unidade de Projecto de São Bento, no âmbito da operação de reabilitação urbana da Rua de São Bento. Conclusão: embora se afirme que há alguns elementos em risco, foi determinada a execução de obras de consolidação e reparação nos edifícios e limpeza do jardim, uma vez que era (e é) possível a recuperação da propriedade. Lamentavelmente, nada foi feito pelo proprietário. (ver Anexos).

A casa está neste momento emparedada, não tendo janelas nem portas. A estrutura e o telhado aparentam estar em relativo bom estado de conservação, mantendo-se intactos, contudo, alguns pormenores como os elementos de serralharia em ferro, o varandim e os passadiços entre a casa e o jardim.

b) Jardins

Actualmente, pouco ou nada existe dos primitivos jardins de ensaio de Frederico Daupiás, que foram famosos ao seu tempo, em Lisboa e não só, e que foram destino turístico e de estudo de muitos, que ali procuravam tomar conhecimento das técnicas avançadas de floricultura, e dos afamados crisântemos, que eram cultivados por Daupiás.

Em Outubro de 2004, a CML elaborou uma avaliação dos jardins, apurando que existiam 15 árvores dignas de referência, tendo requerido ao proprietário a preservação dessas espécies (ver Anexos).

De facto, no jardim, apesar de ainda existirem algumas palmeiras centenárias, e outras árvores de grande porte (amoreiras, chorões, cedros e árvores de fruto),

os canteiros são apenas pasto de ervas daninhas e espécies infestantes. Contudo, ainda são visíveis os canteiros em socalcos, os carreiros de pedra, as escadas, bancos e o que foi em tempos um poço.

Não sabemos qual o estado do antigo sistema de irrigação inventado pelo próprio Daupiás, que conduzia a água da rega directamente do Aqueduto das Águas Livres, do qual se julga restarem enterradas as canalizações e uma cisterna enorme.

As imagens falam por si, por isso anexamos fotografias recentes da casa e dos jardins.

IV. PROTECÇÃO

A casa e os jardins Daupiás são abrangidos pela ZEP do Aqueduto das Águas Livres e beneficiam da protecção desse estatuto.

Mas também estiveram em vias de classificação como Imóvel de Interesse Municipal (despacho de abertura de 18-06-1999, e despacho de arquivamento a 7-04-2003), com despacho camarário de abertura de processo de 22-01-2004 e despacho de não classificação camarária de 23-06-2006. Motivo invocado pela CML: os elementos que poderiam justificar a eventual classificação já não existem! **A Lei do Património (Artigo 15.º, ponto 6) é, no entanto, clara: «Consideram-se de interesse municipal os bens cuja protecção e valorização, no todo ou em parte, representem um valor cultural de significado predominante para um determinado município».**

O pedido de classificação foi apresentado em 1995 pelo Sr. Nuno Daupiás d'Alchochete (ver Anexos).

Se tivermos em linha de conta o tempo que demorou o processo de classificação; o facto do chalé e dos jardins estarem devolutos e fechados há décadas, com o decorrente vandalismo dos elementos referidos; e o facto do actual proprietário ter procurado demolir e terraplenar toda a propriedade (inclusive o prédio vizinho) para construção de condomínio, pode-se compreender o despacho de arquivamento.

V. HISTORIAL

No início do século XX, Frederico Romão Daupiás d'Alcochete (1839-1928), 4.^o Barão de Alcochete, decide comprar um quintalão, em 1896, com o objectivo de se dedicar ao interesse particular que nutria por plantas e jardins, adquirido nas suas inúmeras viagens à Europa. Daupiás resolve transformar um matagal num maravilhoso jardim, em menos de um ano, em um jardim que aglutinava diversos espécimes arbóreos, pequenos núcleos ajardinados independentes dentro do terreno (aproveitando a sua inclinação em socalcos), etc. Em finais de 1896, é inaugurada a primeira exposição de crisântemos, que constituirá um marco na sociedade portuguesa, com milhares de visitantes. (2)

O desnível entre a Rua do Arco de São Mamede e a Rua da Imprensa Nacional permitir-lhe-ia construir o jardim em diferentes planos e socalcos, com dezenas de palmeiras, cedros, araucárias, magnólias, etc. Plantas de ornamentação e apuramento de espécies. A parte plana era ocupada por estufas, onde se procedia a ensaios e experiências, aos quais se aliava uma perspectiva de interacção entre o homem e a natureza, abrindo arruamentos calcetados e instalando bancos, com o objectivo de, pontualmente, abrir o jardim ao público. Com o uso de um sistema complexo de tanques, bombas e canalizações, rapidamente os jardins passaram a ser exemplares no que concerne às técnicas de jardinagem portuguesa na viragem do século. (9)

Durante 20 anos fizeram-se exposições, semestrais, e o local era ponto de encontro da sociedade. Em 1922 cessaram as exposições e no começo dos anos 30 os herdeiros venderam a propriedade. Numa parcela do terreno foi então edificado um prédio de rendimento (n.^o 4 da Rua Arco de São Mamede).

Os jardins ficaram ao abandono por se terem entretanto retirado os sobejos de água. Com efeito, em 1989, a EPAL resolveu cortar a água proveniente do chafariz da Rua do Arco por «não oferecer já condições suficientes de salubridade». Porém, segundo o autor do pedido de classificação, a EPAL nada fez para remediar a este inconveniente, já que era à EPAL (e não à CML) que estavam afectos os chafarizes de Lisboa.

Restam as memórias de Frederico Daupiás, vertidas nos oito catálogos da sua autoria. E o legado de um homem que procurou ir mais além na sua área de especialização, lutando contra o “sensível atraso” (4) que a horticultura portuguesa já então manifestava face à praticada pelos seus pares europeus.

Norberto Araújo, nas «Peregrinações em Lisboa» (5), referia «Já agora vê o enfiamento curioso desta Rua do Arco, com o seu arco do aqueduto (1805) e a sua configuração muito final do século de setecentos, pois foi rasgada depois de 1776; lá em baixo existiam os famosos hortos de ensaio de Frederico Daupiás, cuja propriedade foi alienada por sua filha e herdeira, a Viscondessa de Assentiz».

Também Gustavo de Matos Sequeira, em «Depois do Terramoto», Volume II (1967), se refere aos jardins de Daupiás e à vista que se vislumbrava desde o Largo de São Mamede sobre o arco e a rua: «Um surpreendente panorama se lhe desenha diante dos olhos, como uma cenografia de Manini». A mesma vista haveria de ser pintada por Roque Gameiro, no livro «Lisboa Velha» (1925), com prefácio de Afonso Lopes Vieira. (6)

De salientar ainda o papel que Frederico Daupiás desempenhou no comércio da capital. Instalada na Rua Nova do Carmo (actual Rua do Carmo), 29 a 35, a desaparecida Casa Frederico Daupiás foi, durante largos anos, a mais conceituada do país no seu ramo. Graças à dinâmica do proprietário, não tinha, no seu auge, “sucursais, representantes ou agentes em parte alguma”, como referia a publicidade de então. À venda de sementes de horta, jardim e prado aliava a venda dos vários manuais e catálogos que Frederico Daupiás elaborou e editou, entre os quais o seu *Guia de Horticultura Prática* que acompanhou várias gerações de profissionais e curiosos desta área.

VAMOS ADAPTAR O LOCAL AOS NOVOS TEMPOS, PRESERVANDO A MEMÓRIA DE DAUPIÁS E DO SEU PROJECTO!

(porque não um Villandry?)

(<http://www.chateauvillandry.com/sommaire.php3?lang=fr&PHPSESSID=2e02f9959e0fbcba9d5a4ebfbc823864>)

VI. PROPOSTA

a) Procedimentos

Propomos à CML que opte por adquirir a casa e os jardins Daupiás para Lisboa e para os lisboetas, seja pela via da compra directa, seja por via de permuta de terrenos.

b) Casa

b.1) Dada a reconhecida exiguidade, a todos os níveis, das instalações actuais da sede da Junta de Freguesia de São Mamede, **propomos à CML a instalação da Junta de São Mamede no chalé**, o qual, pelas boas áreas que tem, permitirá à Junta desenvolver as suas actividades de forma muito mais eficaz, e com muito maior conforto dos seus fregueses (recentemente, aliás, a CML procedeu de modo semelhante, adquirindo e recuperando um chalé da Graça para sede da Junta respectiva).

Refira-se ainda a este propósito a situação caricata que ocorreu em 1993, quando a Junta de São Mamede teve que atender os seus fregueses em plena rua. (7)

O projecto de reabilitação da casa deverá compreender o restauro dos elementos mais significativos daquele magnífico exemplar da arquitectura dos finais do séc.XIX, com preservação da traça e das características principais do chalé (telhado, serralharia, janelas e portadas de madeira, gradeamento e portão, etc.), adaptando-o às novas funcionalidades próprias do séc.XXI.

b.2) Parte da área do chalé poderá ser utilizada como apoio à terceira idade, designadamente como **centro de dia**, dada a reconhecida falta de equipamentos desse tipo naquela zona.

b.3) O anexo (casa do caseiro) poderá ser utilizado como **biblioteca e sala de aulas** destinadas a crianças, designadamente no que diz respeito a aulas de horticultura, produtos biológicos, floricultura, etc.

c) Jardins

A intervenção nos jardins deverá contemplar duas vertentes: a **recuperação de parte do projecto original de Frederico Daupias** (estufas, jardins de ensaio ... embora com novas valências) **e a interacção destes jardins com a malha urbana da zona** e com outros espaços verdes das proximidades (a ex. do que está a ser feito com os jardins do Liceu Passos Manuel), designadamente o Príncipe Real (mercado biológico) e o Jardim Botânico.

A proximidade do mercado de agricultura biológica no jardim do Príncipe Real, assim como do Jardim Botânico de Lisboa podem constituir um triângulo cultural ligado às questões da defesa do ambiente e do desenvolvimento sustentável.

O espaço das hortas podia ser gerido pela equipa da Quinta Pedagógica da CML nos Olivais, criando-se na casa Daupias o primeiro pólo no centro histórico da capital. As zonas do jardim onde o coberto vegetal não permita o desenvolvimento de hortas deviam ser transformadas num jardim de recreio, aberto durante o dia, à semelhança do Jardim da Estrela.

É preciso referir que desde o séc. XVII, altura em que foi criado o primeiro mercado de flores, à Conceição Velha, que há tradição de floricultura em Lisboa. Em meados de 1836, foram organizadas várias exposições de flores e a partir de 1907, o ciclo de exposições cresceu bastante, e em 1909 organizou-se uma Festa de Flores Naturais ... e as célebres «batalhas florais» entre 1887 e 1908.

Mais, em 1947, decorreu a I Semana da Flor, que coincidiu com a VI Exposição Nacional de Floricultura, no Pavilhão de Exposições da Tapada da Ajuda (outro local a precisar de rápida reestruturação em termos de programação e divulgação, aliás). Tudo organizado pela própria CML. (8)

Refira-se, por último, que, por alturas da «mega-empregada» de São Bento, e quando o proprietário foi intimado a limpar o jardim (para se evitar possíveis fogos), foram os serviços da CML informados que muitas das espécies botânicas do jardim se encontravam classificadas pelo Departamento de Cultura da Câmara, tendo sido invocada essa classificação para não se fazer a limpeza solicitada.

VII. APOIOS

Esta proposta tem o apoio expresso da Sr^a Ana Bravo de Campos, Presidente da Junta de Freguesia de São Mamede, da Sr^a Prof. Raquel Henriques da Silva, da Sr^a Prof. Regina Anacleto, do Sr. Prof. José-Augusto França, do Sr. Arq^o Gonçalo Ribeiro Teles, do Sr. Arq^o Nuno Teotónio Pereira, do Sr. Arq^o Filipe Lopes, do Sr. Nuno Daupiás d'Alcochete (descendente directo de Frederico Daupiás), dos ex-inquilinos Arq^o Artur Rosa e Helena Almeida, da Liga dos Amigos do Jardim Botânico e da Sr^a. Coordenadora do Serviço de Extensão Pedagógica do Museu Nacional de História Natural.

ANEXOS

Anexos A – Fotos

Anexos B – Fotocópias dos registos históricos possíveis

Anexos C – Recortes de jornais

Anexos D – Fotocópia pedido de classificação

Anexos E – Plantas

Anexos F – Auto de vistoria

Anexos G – Avaliação dos jardins

Anexos H – Citações do pedido de classificação de Nuno Daupiás d'Alcochete

BIBLIOGRAFIA

- (1) Descritivos da ex-DGEMN, bibliografia: CONSIGLIERI, Carlos e OUTROS, Pelas Freguesias de Lisboa. De Campo de Ourique à Avenida, Lisboa, 1995 . Observações: *1 - o estado de quase abandono em que se encontra o imóvel, impossibilitou o acesso ao interior. Autor e data: Teresa Vale / Maria Ferreira 1998; e do ex-IPPAR (http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71862).
- (2) «Dicionário da História de Lisboa», coordenação de F. Santana e E. Sucena (1994)
- (3) Enciclopédia Portuguesa e Brasileira
- (4) «A Jardinagem em Portugal – Apontamentos para a sua História, de Sousa Viterbo
- (5) «Peregrinações em Lisboa», de Norberto Araújo
- (6) Vista da Rua do Arco de São Mamede, cópia de ilustração de Roque Gameiro, in «Lisboa Velha»
- (7) Artigo «Junta de Freguesia de São Mamede atende munícipes na rua» (*Jornal de Notícias*12-5-1993)
- (8) «Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa», de Mário Costa (1950)
- (9) Catálogo Arquivo Municipal de Lisboa/Planta de 1910
- (10) Pedido de classificação de Nuno Daupiás d'Alcochete

28 Nov. 07